

Proust-leitor e Proust-autor encontram-se no narrador de *Em busca do tempo perdido*

Patricia Pitta

PUCRS

Já menos interior a meu corpo que essa vida dos personagens, vinha a seguir, meio projetada diante de mim, a paisagem onde se desenrolava a ação e que exercia sobre meu pensamento uma influência bem maior que a outra, aquela que tinha sob meus olhos quando os erguia do livro.¹

Marcel Proust, obviamente, não foi leitor de Wolfgang Iser. O primeiro morreu em 1922, enquanto o segundo nasceu apenas em 1926. Proust tampouco conheceu as teorias que se preocupam com a relevância do leitor no processo de construção do significado da obra literária ligadas à Estética da Recepção, porque tais estudos datam da segunda metade do século XX. Porém, quando se toma determinado estrato da obra *Em busca do tempo perdido*,² de Proust, localizado no primeiro volume, *No caminho de Swann*, em que o Narrador, não querendo renunciar à leitura — mesmo tendo sua avó solicitado que ele saísse do quarto —, expõe suas sensações como leitor e analisa, a partir disso, a posição do autor, do leitor e a recepção da obra literária, duas coisas ficam claras: Proust já se preocupava com tal questão e Iser, provavelmente, foi leitor de Proust.

O exame de tal episódio indica a possibilidade de aproximação das idéias do Narrador criado por Proust à teoria do efeito estético

¹ PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. 3 v. p.81.

² Id., *ibid.*

desenvolvida por Wolfgang Iser, com ênfase na sua preocupação com o papel da leitura e a função do leitor na concretização da obra literária. Por meio da análise das reflexões do Narrador no mencionado estrato, poder-se-á chegar ao reconhecimento de uma relação entre a experiência de leitor de Proust e suas escolhas como autor no romance em questão. Contudo, será imprescindível, para tanto, que se remeta às reflexões feitas por Proust sobre a recepção da obra literária em um outro texto seu: *Sobre a leitura*.³ Inicialmente um conjunto de idéias acerca da leitura e do leitor exposto no prefácio que Proust escreveu para a tradução que fez da obra *Sésame et les lys*, de John Ruskin, transformado depois em livro e traduzido, posteriormente, para o português sob este título, tal texto instigou a busca por indícios de que Proust-leitor e Proust-autor coabitam na *Recherche*.⁴

O estudo das idéias de Wolfgang Iser acerca do efeito estético da obra literária mostra-se, então, primordial para tal reconhecimento. Baseada, fundamentalmente, nos textos literários, a teoria de Iser consiste, basicamente, na idéia de que o leitor, frente às disposições materiais da obra, concretiza o objeto estético a partir de um repertório pessoal. Conforme esta teoria, a obra literária constrói-se na convergência entre leitor e texto, na qual ambos são concebidos de forma a reorganizar a distinção entre eles, sendo que, de acordo com Iser,⁵ ler e escrever são denominações diferentes para atividades semelhantes. Suas investigações concentram-se, portanto, no processo de leitura, no leitor e na sua reação estética, não podendo ser o texto considerado, senão através de seus resultados. Os efeitos causados pela obra literária são essenciais para a descrição de seu significado, já que esta não tem existência efetiva fora da consciência do leitor, pois sua concretização requer a participação do imaginário de seu receptor. Toda percepção é, então, uma leitura, sendo o texto uma produção de sentido através de uma linguagem, o que significa que se pode pensar em modelo textual imagético, na medida em que esse encerra a organização das imagens suscitadas por uma organização linguística. Iser, contudo, não dá ao leitor autonomia ou independência fora dos limites do texto.

³ PROUST, Marcel. *Sobre a leitura*. Trad. Carlos Vogt. 2. ed. Campinas: Pontes, 1991.

⁴ Convencionou-se usar apenas o termo *Recherche* quando se menciona *A la recherche du temps perdu*, título original da obra *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust.

⁵ *Apud*: WARNING, Rainer (org). *Estética de la recepción*. Madrid: Visor, 1989.

Esta interseção entre texto e leitor é a tônica das recorrentes reflexões feitas pelo Narrador ao longo de toda a obra *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust, sendo que as sensações descritas por esta personagem parecem corroborar as idéias de Iser de como o leitor deve se posicionar frente à obra e de como a leitura deve tocar o leitor.

E uma vez que o romancista nos pôs nesse estado, no qual, como em todos os estados exclusivamente interiores, toda emoção é duplicada, e onde seu livro vai perturbar-nos, à maneira de um sonho, mas de um sonho mais claro que os que temos ao dormir, e cuja lembrança vai durar mais, então, eis que ele deflagra em nós, durante uma hora, todas as fortunas e todas as desgraças possíveis, algumas das quais iríamos levar a vida inteira para conhecer, ao passo que outras, as mais intensas, jamais nos seriam reveladas porque a lentidão com que se produzem impede que as percebamos.⁶

O momento em que o Narrador se lembra de suas sensações quando ainda era um leitor adolescente, em seu quarto, alheio ao mundo, completamente embebido em sua leitura e em suas reflexões, informa que essa alienação é, na verdade, um estágio intermediário entre a saída por completo do mundo real e a penetração efetiva no mundo fictício, sendo que tal fase só existe no imaginário do leitor e que a inter-relação entre estes três âmbitos na leitura provoca uma sensação de vivência mais efetiva do real neste leitor.

Nesse tipo de tela colorida de estados diversos que, enquanto eu lia, minha consciência ia desenrolando simultaneamente, e que iam desde as aspirações mais profundamente escondidas dentro de mim até a visão inteiramente exterior que eu tinha do horizonte diante dos olhos, na extremidade do jardim, o que havia de principal em mim, de mais íntimo, o leme que governava o resto num movimento incessante, era a minha crença na riqueza filosófica, na beleza do livro que estava lendo, e meu desejo de me apropriar delas, fosse qual fosse esse livro.⁷

Conforme Iser,⁸ o texto de ficção, com sua relação triádica entre real, fictício e imaginário, expõe estruturas materiais porosas

⁶ PROUST, 2002, p. 81

⁷ *Idem*. p. 80

⁸ ISER, Wolfgang. *O fictício e o imaginário: perspectiva de uma antropologia literária*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.

caracterizadas por lacunas e indeterminações que devem ser preenchidas pelo leitor a fim de que os papéis dos componentes da tríade constituinte do texto sejam organizados em prol da consolidação do significado da obra literária. O papel da leitura é, portanto, o de promover sínteses que constituirão correlatos que impulsionarão expectativas, fazendo com que, através desse processo contínuo, o receptor atualize e modifique o objeto, desenvolvendo novas expectativas. Desse modo, o leitor está na interseção entre retenção e propensão,⁹ na qual cada nova correlação responderá a algumas expectativas, ao mesmo tempo em que estimulará outras. Tais correlações terão efeito nas sínteses anteriores, possibilitando alterações e novas conexões. Em suma, cada sentença prefigura um horizonte que logo se transforma no pano de fundo para o correlato seguinte, para, então, ser modificado. A memória do que já foi lido é alterada, interagindo com os novos correlatos.

O narrador da *Recherche* ilustra claramente sua percepção deste processo no seguinte momento:

(Assim vai mudando o nosso coração, durante a vida, e esta é a pior das dores; porém só a conhecemos através da leitura, pela imaginação: na realidade o coração se transforma da mesma maneira como se produzem certos fenômenos da natureza, tão vagarosamente que, embora possamos verificar de modo sucessivo seus estados diferentes, em compensação nos foge a própria sensação de mudança).¹⁰

É a leitura que provoca a contínua interação entre as expectativas modificadas e as memórias transformadas. Assim, cada momento da leitura é uma dialética de propensão e retenção que conduz a um futuro horizonte que deve ser e será ocupado por um horizonte passado que se apaga continuamente. O processo de leitura não foge a essa incompletude, porque não há como perceber um texto literário em sua totalidade.

E nisto reside, com efeito, um dos grandes e maravilhosos caracteres dos belos livros (que nos fará compreender o papel, ao mesmo tempo essencial e limitado que a leitura pode desempenhar na nossa vida espiritual) que para o autor poderiam chamar-se “Conclu-

sões” e para o leitor “Incitações”. Sentimos muito bem que nossa sabedoria começa onde a do autor termina, e gostaríamos que ele nos desse respostas, quando tudo o que ele pode fazer é dar-nos desejos. Estes desejos, ele não pode despertar em nós senão fazendo-nos contemplar a beleza suprema à qual o último esforço de sua arte lhe permitiu chegar.¹¹

Como em um quadro impressionista, *Em busca do tempo perdido* é uma obra composta de incertezas. Proust contribuiu grandemente para a revolução literária comparável à que ocorre em seu tempo na pintura e que realizarão de maneira mais radical os pintores não figurativos, indicando que o interesse de uma obra pode residir mais na visão singular que expressa do que na realidade que reflete. Nathalie Sarraute¹² chama a era inaugurada pelo estilo proustiano de “a era da suspeita”, na qual a suspeita é muito menos das personagens do que do leitor, convidado a decifrar os códigos de um estilo. Assim, percebe-se que se a leitura da ficção existe é também porque o leitor é capaz de, por seu intermédio, ter acesso a temas, idéias e valores que diretamente lhes interessam e favorecem seu autoquestionamento, assim se consumando a conexão dos textos literários com os atos humanos básicos e com as fontes da linguagem e da nossa humanidade.

Um ser real, por mais profundamente que simpatizemos com ele, em grande parte só o percebemos através dos sentidos, isto é, permanece opaco para nós, oferece um peso morto que nossa sensibilidade não consegue erguer. Se uma desgraça o atinge, esta só poderá nos comover numa pequena parte da noção global que temos dele, e ainda mais, só numa pequena parte da noção total que tem de si mesmo é que sua própria desgraça poderá comovê-lo. O achado do romancista foi ter tido a idéia de substituir essas partes impenetráveis à alma por uma quantidade idêntica de partes materiais, isto é, que nossa alma pode assimilar. Desde então, que importa que as ações, as emoções desses seres de um novo tipo nos pareçam verdadeiras, visto que fizemo-las nossas, que é dentro de nós que se produzem, que mantêm sob seu domínio, enquanto viramos febrilmente as páginas do livro, a rapidez da nossa respiração e a intensidade do nosso olhar.¹³

⁹ ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. São Paulo: Editora 34, 1996. 2 v.

¹⁰ PROUST, 2002, p. 81.

¹¹ PROUST, 1991, p. 30.

¹² SARRAUTE, Nathalie. *A era da suspeita*. Trad. Alfredo Margarido. Lisboa: Guimarães Editores, 1963.

¹³ PROUST, 2002, p. 80.

Em seu quarto, a divagar sobre a posição do leitor, do romancista e as sensações despertadas pela leitura, o narrador, aparentemente, mimetiza as impressões de leitura registradas por Proust em *Sobre a leitura*.¹⁴ Em ambas as ocasiões, são descritas as sensações de um leitor jovem, caracterizadas por detalhes de ordem íntima. Comum a ambos os textos é, também, a descrição demorada e amorosa das leituras realizadas, com profusão de detalhes circunstanciais e admirável senso do concreto, do tempo e do espaço. Proust, tanto na sua própria figura, quanto Proust travestido de Narrador, usa muitas páginas para descrever o encantamento a que foi levado pela atividade solitária de leitor.

O narrador deixa claro na *Recherche* a solidão do processo no qual está inserido durante o momento da leitura, mas tal solidão, diferente das demais, não lhe põe medo:

Depois desta crença central que, durante a leitura, executava movimentos incessantes de dentro para fora, no sentido da descoberta da verdade, vinham as emoções que me dava a ação na qual tomava parte, pois as tardes eram mais cheias de acontecimentos dramáticos do que, muitas vezes, uma vida inteira. Eram os acontecimentos que ocorriam no livro que estava lendo; é verdade que as personagens a quem interessavam não eram “reais”, como dizia Françoise. Mas todos os sentimentos que nos fazem experimentar alegria ou a desgraça de uma personagem real só ocorrem em nós por intermédio de uma imagem dessa alegria ou dessa desgraça.¹⁵

Em *Sobre a leitura*, Proust define a riqueza da experiência da leitura como um milagre fecundo da comunicação no seio da solidão, evidenciando, através da narração de sua atividade leitora na infância, o poder e o fascínio da obra literária sobre o espírito de um menino recolhido ao isolamento:

[...] a diferença essencial entre um livro e um amigo não é a sua maior ou menor sabedoria, mas a maneira pela qual a gente se comunica com eles, a leitura, ao contrário da conversação, consistindo para cada um de nós em receber a comunicação de um outro pensamento, mas permanecendo sozinho, isto é, continuando a desfrutar

¹⁴ PROUST, 1991.

¹⁵ PROUST, 2002, p.80.

do poder intelectual que se tem na solidão e que a conversação dissipa imediatamente, continuando a poder ser inspirado, a permanecer em pleno trabalho fecundo do espírito sobre si mesmo.¹⁶

Tal imagem é constantemente repetida na *Recherche*:

O Frescor obscuro do meu quarto estava para a plena luz do sol da rua como a sombra para o raio de sol, ou seja, tão luminoso quanto ele, e ofertava à minha imaginação o espetáculo integral do estio, que meus sentidos, se eu estivesse passeando, só poderiam desfrutar aos pedaços; e, assim, adequava-se perfeitamente ao meu repouso que (devido às aventuras narradas nos meus livros e que acabavam de emocioná-lo) suportava igualmente ao repouso de uma mão imóvel no meio da água corrente, o choque e a animação de uma torrente de atividade.¹⁷

Desta forma, pode-se perceber que o grau de configuração do texto na consciência do leitor como correlativo será condição para o sucesso do ato da comunicação, no qual as estruturas textuais e os atos de compreensão são os dois pólos essenciais do processo. Seu êxito dependerá do alcance do texto na ativação das faculdades mentais do leitor de entender e processar a materialidade da obra. De acordo com Iser, o leitor deve agir como um co-criador do texto na medida em que supre a porção que não está escrita, mas apenas implícita, dependendo a forma de recepção tanto do leitor quanto do texto, sendo o processo de leitura inviável sem a interação dinâmica de ambos. A interpretação consiste, então, no produto desta interação entre texto e leitor, sendo impossível se dar a partir de um destes elementos isolados. A função do leitor é a de preencher o que está implícito na estrutura da obra, tendo papel de relevância na sua concretização na medida em que este é convocado a participar no processo criativo do texto como decodificador dos signos, que são os detentores dos correlatos. Essa participação do leitor na concretização da obra literária requer o acionamento de seu imaginário. Assim, cada leitor irá preencher as porções não escritas do texto, suas lacunas e indeterminações, de modo particular, uma vez que o repertório deste imaginário é único.

Proust sempre foi apresentado como o escritor francês demasiado excêntrico para o seu tempo que, recluso, reescrevia obsessiva-

¹⁶ PROUST, 1991, p.27.

¹⁷ PROUST, 2002, p.79.

mente noite adentro a sua obra-prima; como o menino solitário e asmático; como o favorito dos salões, íntimo da alta sociedade parisiense, e como o homossexual em conflito com sua identidade. De fato, ele pode ser visto e lido como tudo isso, porém, aqui se escolheu vê-lo como o leitor que leu a si mesmo na obra que escreveu. Como no texto ficcional, o real e o imaginário se entrelaçam de tal modo que se estabelecem as condições para a imprescindibilidade constante da interpretação, associar o discurso do narrador de *Em busca do tempo perdido* ao de Proust em *Sobre a leitura* poderá ter validade apenas para ilustrar a teoria do efeito estético de Iser, não havendo, em momento algum, a possibilidade de afirmação da convergência entre a realidade vivencial de Proust e a realidade ficcional do Narrador. A preocupação constante do Narrador com o efeito da obra de arte literária, tanto em si mesmo como em seus leitores, no decorrer de toda a *Recherche*, acaba por remeter a lembrança das reflexões de Proust em *Sobre a leitura*, indicando que Proust-leitor e Proust-autor coabitam no romance em questão na figura do narrador.

Considerando que Proust expõe claramente no decorrer de *Em busca do tempo perdido* que o texto é uma espécie de lente de aumento através da qual o escrito fornece ao leitor o meio de ler a si mesmo, não interessa aqui se Marcel-autor e Marcel-narrador são o mesmo, nem se o texto pode ser lido como autobiográfico. Não é isso que se busca ao associar Proust-leitor a Proust-autor. Sob a perspectiva ora exposta, a dúvida por si só já é esclarecedora quanto ao papel da leitura e a função do leitor. É a possibilidade de percepção do autor no narrador que impulsiona o reconhecimento do autor que é também o leitor de sua obra literária. Assim, se, de acordo com Iser,¹⁸ ler e escrever são denominações diversas para atividades similares e, segundo o narrador em *O tempo recuperado*¹⁹ — último volume de *Em busca do tempo perdido* —, todo leitor é, quando está lendo, um leitor de si mesmo e é esse si mesmo que escreve a obra quando a lê, então, Proust-leitor de si mesmo durante o processo de escrita constrói a leitura de si mesmo.

¹⁸ ISER, 1996.

¹⁹ PROUST, 2002.

Referências

- BARBOSA, João Alexandre. Iser e os efeitos da leitura. *Folha de S. Paulo*. Caderno Mais. São Paulo, 11 de maio de 1997. p. 5-7.
- FLICKINGER, Hans Georg. Subjetividade e tempo: considerações em torno da interpretação da obra de M. Proust por S. Beckett. *Veritas*, Porto Alegre, v. 38, n.152, 1993. p. 533-550.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. A teoria do efeito estético de Wolfgang Iser. In: LIMA, Luiz Costa (Org.). *Teoria da literatura em suas fontes*. VII. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. p. 417-441.
- ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. São Paulo: Editora 34, 1996. 2 v.
- _____. *O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.
- _____. *A indeterminação e a resposta do leitor na prosa de ficção*. Trad. Maria Ângela Aguiar. Caderno do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS. Série Traduções. Porto Alegre, v.3, n° 2. março de 1999.
- LIMA, Luiz Costa. (Org.) *A literatura e o leitor: textos da estética da recepção*. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. 2 v.
- LINS, Alvaro. *A técnica do romance em Marcel Proust*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.
- MAN, Paul de. *Alegorias da leitura: linguagem figurativa em Rousseau, Nietzsche, Rilke e Proust*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- MOUTON, Jean. *Le style de Marcel Proust*. Paris: Corrèa, 1948.
- PAINTER, George D. *Marcel Proust*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.
- PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. 3 v.
- _____. *Sobre a leitura*. Trad. Carlos Vogt. 2. ed. Campinas: Pontes, 1991.
- ROCHA, João Cezar de Castro. (Org.). *Teoria da ficção: indagações à obra de Wolfgang Iser*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999.

- SANSOM, William. *Proust*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- SARRAUTE, Nathalie. *A era da suspeita*. Trad. Alfredo Margarido. Lisboa: Guimarães Editores, 1963.
- TAUMAN, Leon. *Marcel Proust: une vie et une synthese*. Paris: A. Colin, 1949.
- WARNING, Rainer (Org.). *Estética de la recepción*. Madrid: Visor, 1989.
- ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

Publicações Periódicas da PUCRS

- **MUNDO JOVEM**
Jornal de idéias e reflexões para jovens, vinculado à Faculdade de Teologia - *Mensal*
- **PUCRS INFORMAÇÃO**
Revista informativa - *Bimestral*
- **VERITAS**
Revista de estudos de Filosofia - *Trimestral*
- **LETRAS DE HOJE**
Revista de estudos de Lingüística, Literatura e Língua Portuguesa - *Trimestral*
- **TEOCOMUNICAÇÃO**
Revista de estudos de Teologia e áreas afins - *Trimestral*
- **REVISTA SCIENTIA MEDICA**
Revista da Faculdade de Medicina e Instituto de Geriatria - *Trimestral*
- **EDUCAÇÃO**
Revista do Curso de Pós-Graduação em Educação - *Quadrimestral*
- **ANÁLISE**
Revista da Faculdade de Administração, Contabilidade e Economia - *Semestral*
- **BIOCIÊNCIAS**
Revista da Faculdade de Biociências - *Semestral*
- **BRASIL/BRAZIL**
Revista de Literatura Brasileira e Literatura Comparada Editada pela PUCRS e Brown University - *Semestral*
- **COMUNICAÇÕES DO MUSEU DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA**
Semestral
- **ESTUDOS IBERO-AMERICANOS**
Revista de estudos sobre a História e a Literatura Ibero-Americana do Curso de Pós-Graduação em História - *Semestral*
- **REVISTA ODONTO CIÊNCIA**
Revista da Faculdade de Odontologia - *Trimestral*
- **PSICO**
Revista da Faculdade de Psicologia - *Quadrimestral*
- **REVISTA FAMECOS – mídia, cultura e tecnologia**
Revista da Faculdade de Comunicação Social – *Quadrimestral*
- **SESSÕES DO IMAGINÁRIO**
Revista de Cinema da Faculdade de Comunicação Social – *Anual*
- **DIREITO & JUSTIÇA**
Revista da Faculdade de Direito - *Semestral*
- **ACTA MÉDICA**
Registro dos formandos da Faculdade de Medicina – *Anual*
- **CIVITAS**
Revista de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - *Semestral*

